

AGOSTO

Cortadeiras, carregadeiras, obreiras...

Embora as baixas temperaturas cheguem a limitar a movimentação dos insetos, em geral a velha fábula da cigarra e da formiga não se enquadra muito bem no inverno brasileiro. No auge da estação mais fria, é possível encontrar tanto cigarras cantando como formigas trabalhando. As cortadeiras ou saúvas (família Attidae) fazem a 'extração' de pedaços de folhas ou flores durante a noite e, pela manhã, as 'obreiras' passam atarefadas, carregando tudo ao abrigo do interior do formigueiro. Lá, os restos vegetais serão usados no cultivo de fungos, que servem de alimento às formigas. Já na Amazônia, onde as temperaturas nunca abaixam demais, não cessam as correições, migrações de multidões de formigas, formando imensas colunas, de larguras variáveis. Em sua jornada, essas formigas (da família Dorilidae) não conhecem obstáculos: passam pelo meio da mata, por trilhas de areia, por cima de troncos, galhos ou mesmo animais e pessoas. Quem mora junto à floresta também chama a formiga de correição de saca-saca. Se uma mulher é surpreendida pela coluna de insetos e não tem tempo de fugir, dizem, o jeito é tirar a saia e ficar imóvel, esperando as formigas passarem. Tentar matá-las é inútil e qualquer movimento implica em doloridas ferroadas.



DU ZEPANNI



FOTOS: LINDA JORN

Flores em 'chamas'

Nas sedes de fazendas, beiras de estrada e matas secas de interior, em todo Centro-Sul do Brasil, agora é tempo de os mulungus perderem todas suas folhas para dar lugar às flores. Os diversos tons de laranja e até vermelho dominam toda a copa, dando à árvore um aspecto de tocha acesa. As flores têm a forma de meia lua, com cerca de 5 cm de comprimento, e oferecem alimento farto para beija-flores e cambacicas. São comumente conhecidas como mulungus diversas espécies do gênero *Erythrina*, mas a mais abundante é *E. verna*. As árvores são de porte médio a alto, chegando a alcançar 20 metros. Além da floração abundante em plena estação seca, outra característica marcante dos mulungus é a casca bem desenhada, cheia de ranhuras e texturas. Como se adaptam bem às áreas degradadas, os mulungus se tornaram espécies bastante utilizadas em reflorestamentos. A madeira é mole e só serve para caixotaria, mas suas sementes duras e resistentes – vermelhas ou vermelho-pretas – são muito utilizadas na confecção de colares e pulseiras.



Jabiru mycteria

CARLOS TRINCA

Em exibição

As águas baixas do Pantanal Mato-grossense estão favoráveis, neste mês, para o turismo de observação de fauna. De qualquer espécie de fauna. Os animais se concentram nas proximidades dos rios permanentes e das lagoas que não secam e se exibem para câmeras das mais variadas marcas. De vez em quando, uma frente fria penetra até aquela região e obriga todos – inclusive os turistas – a se refugiarem. Mas isso só torna os primeiros dias de sol, após a ‘friagem’, especiais para os observadores: quando saem para se aquecer, os animais praticamente desfilam ou posam, fazendo caras e bocas. Entre eles, nunca falta o grande e

manso tuiuiú (*Jabiru mycteria*), considerado ave-símbolo dos pantaneiros, embora se distribua por toda a América do Sul, nas zonas mais quentes, incluindo a Amazônia. Com até 1,60 m de altura, ‘casaco’ branco e cabeça preta, com um colar vermelho na base do pescoço, o tuiuiú é inconfundível. Parado de asas fechadas ou caminhando na beira d’água, chega a se parecer como uma pessoa. Seus filhotes nascem por esta época, quando há fartura de peixes – mussum (*Symbranchus marmoratum*) e traíra (*Hoplias malabaricus*), principalmente, e caramujos (gênero *Pomacea*), sua dieta preferida e a opção mais nutritiva para os tuiuiuzinhos.

Flor de leque, flor de fruta

Agosto tem outras flores, sobretudo na Amazônia, mas são bem mais discretas. Começam agora a despontar os cachos de flores da bacaba-de-leque (*Oenocarpus distichus*), uma palmeira de áreas inundáveis. O curioso é que as flores nascem brancas e vão amarelando e ficando vermelhas com o tempo. Os frutos só estarão bons para consumo a partir de janeiro. Deles se extrai um óleo doce, co-

mestível. E também é costume fabricar um ‘vinho’ semelhante ao de açaí, com a vantagem de que a época de frutificação é complementar a este. Ainda é tempo de florescimento do cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e do taperebá (*Spondias mombin*), duas das frutas amazônicas mais conhecidas devido à comercialização de suas polpas e à fabricação de sucos e sorvetes.

Pesca planejada

Agosto é um dos meses que mais exigem planejamento para uma boa pescaria. Estamos no inverno, mas é comum a temperatura subir em várias regiões. Por isso, algumas espécies de peixes somem e outras reaparecem ao sabor do clima. Em compensação, já não chove, os rios estão na ‘caixa’ e a água está limpa. Dá para rever as dicas para julho e apostar nos peixes predadores, como dourado, cachara e cachorra, bastante esportivos. Outro ‘bom de briga’, mas fácil de fregar na época da seca, é a bonita pirarara. O rio Araguaia é uma das moradas do ‘peixe-arara’. Passadas as férias de julho, os turistas levantaram acampamento e as praias, as águas e a calma do Araguaia voltam para os pescadores esportivos. No mar, a época ainda é boa para a merluza. O ‘bacalhau brasileiro’ vem da Argentina e, de carona nas correntes frias, sobe até Cabo Frio, no Rio de Janeiro. Dos peixes do nosso litoral, entre os que aparecem em cardumes ou com tamanhos maiores no inverno estão a enchova, a corvina, a cavalinha, o sargo e a sororoca. Cardumes de tainha podem ser encontrados onde a água estiver fria ou sob a sombra de árvores, no mangue.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI



AURANO GAMBIRINI